

SÉRIE TRADUÇÃO

04

SUCESSÃO À CHEFIA EM TIKOPIA¹

RAYMOND FIRTH
Brasília, 2011

Universidade de Brasília
Departamento de Antropologia
Brasília
2011

¹ Traduzido por Maria Aparecida T. Ferreira do original " *Succession to chieftainship in Tikopia*", *Oceania*, Vol. XXX, n. 3, Mel Imurnc, 1960, pp. 161-180.

Este artigo foi republicado como capítulo VI do livro de Raymond Firth *Essays on Social Organization and Values*, London School of Economics Monographs on Social Anthropology, n. 28, The Athlone Press, University of London, Londres, 1964.

Originalmente publicado nos Cadernos de Antropologia da Editora UnB com a permissão do Editor de *Oceania* e do Autor.

Série Tradução é editada pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília com o objetivo de divulgar textos traduzidos para o português por docentes e discentes no campo da Antropologia Social.

1. Antropologia 2. Tradução. Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília

Solicita-se permuta.

Série Tradução Vol. 01, Brasília: DAN/UnB, 2011.



Universidade de Brasília

Reitor: José Geraldo de Souza Jr.

Diretor do Instituto de Ciências Sociais: Gustavo Lins Ribeiro

Chefe do Departamento de Antropologia: Luís Roberto Cardoso de Oliveira

Coordenador da Pós-Graduação em Antropologia: José Antônio Vieira
Pimenta

Coordenadora da Graduação em Antropologia: Marcela Stockler Coelho
de Souza

Conselho Editorial:

Andréa de Souza Lobo

Soraya Resende Fleischer

Comissão Editorial:

Andréa de Souza Lobo

Larissa Costa Duarte

Soraya Resende Fleischer

Editoração Impressa e Eletrônica:

Cristiane Costa Romão

EDITORIAL

A Série Tradução é uma iniciativa do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília apoiada pelo Decanato de Extensão desta Universidade via Edital DEX 1/2010. Como atividade de extensão, o objetivo desta Série é reunir e disponibilizar a um público mais amplo traduções em formato digital e com acesso livre por intermédio do sítio do Departamento de Antropologia. Tais traduções vêm sendo realizadas, há alguns anos, no âmbito do Departamento de Antropologia. Até então, estes materiais, em sua maioria, estiveram circulando de forma artesanal e informal, como documentos eletrônicos e/ou cópias xerográficas ou mimeografadas.

Os textos foram traduzidos por docentes e discentes do Departamento de Antropologia, geralmente para fins didáticos. São materiais referenciais para o *corpus* teórico da disciplina e sua ampla demanda e utilização justificam que versões em português sejam produzidas, sobretudo para o público graduando, nem sempre versado em uma segunda língua.

Cada número da Série é dedicado a um só artigo, ensaio ou material traduzido. Novas traduções serão sempre bem vindas e, sendo acolhidas e aprovadas pelo Conselho Editorial bem como garantidas pelo direito autoral da publicação de origem, poderão ser publicados em nossa Série Tradução.

Conselho Editorial

SUCCESSÃO À CHEFIA EM TIKOPIA

A instituição da chefia é básica para o sistema político dos Tikopia e, tradicionalmente, era um dos aspectos-chaves no seu desempenho religioso. É interessante, então, examinar os princípios e o processo de sucessão pelo qual os papéis de chefia eram preenchidos.

A sucessão, no sentido social, é um processo de substituição, com reconhecimento público, segundo o qual os títulos, cargos, autoridade, papéis e outros indicadores de status são transferidos de uma pessoa (incumbida) para outra. A sucessão pode se fazer por geração, quando o período socialmente ativo do incumbido se completa por renúncia ou morte, ou pode ser periódica, segundo um intervalo definido. A sucessão a um cargo ou título raramente é aberta a qualquer membro da comunidade sem critérios específicos exigidos do candidato; geralmente é restrita e envolve uma limitação de sexo, qualidades de maturidade, a condição de membro de um dado grupo social etc. Parte da restrição pode ser em termos de um elo de parentesco, tornando a sucessão hereditária.

Em Tikopia, a sucessão à chefia se faz por geração, é restrita ao sexo masculino e hereditária. Normalmente dá-se apenas no caso de morte do incumbido; não há rotação de cargo nem dispositivo reconhecido para renúncia.

A sucessão a cargo e posição de autoridade implica em uma necessidade, por parte da sociedade, de continuidade de pessoal. Em qualquer comunidade espera-se que o mecanismo para escolher um novo incumbido funcione tão logo quanto possível para que a autoridade e ordem social tenham uma continuidade e os serviços essenciais tenham seu funcionário. Onde o incumbido tem a autoridade e as funções múltiplas de um chefe, a escolha rápida de um substituto é particularmente importante. Uma

interrupção dá oportunidades à desordem no corpo político e pode deixar o grupo sem representante frente a outros grupos e suposta mente (na Tikopia tradicional) frente aos deuses. Quando uma vaga é aberta por renúncia, o planejamento da sucessão é facilitado e o momento para sua ocorrência pode ser arranjado. Quando a vaga é aberta por morte, o planejamento é impedido e a necessidade de sucessão pode chegar a qualquer momento. A sucessão, quando da morte de um chefe, exige um princípio de substituição aceito pela sociedade. A vaga pode chegar de um momento para outro. Após a morte de um homem de posição, a tensão emocional tende a ser grande e é funcionalmente útil um mecanismo que possa ser acionado para assegurar uma substituição rápida.

Em algumas sociedades este problema não foi muito claramente resolvido. Um período de confusão se segue à morte de um chefe, e disputas faccionais violentas [podem desenrolar-se até uma pessoa surgir como vitoriosa no processo de sucessão. Em algumas outras sociedades é costume a morte de um líder ser anunciada com a proclamação de seu sucessor, anteriormente apresentado. *Le Roi est mort, vive le Uni*. Em Tikopia, o sistema não era de competição confusa entre candidatos, nem de sucessão automática. Era um sistema interessante de eleição, em que o papel principal era desempenhado por "fazedores-de-rei", ao invés de candidatos competidores.

Ao examinar este sistema em detalhe quero primeiro considerar o tipo de qualidades num chefe, vistas como desejável pela sociedade Tikopia.

QUALIDADES DESEJADAS EM UM CHEFE TIKOPIA

Se alguém perguntar o que se requer de um chefe em Tikopia que qualidades deve possuir, não se tem uma formulação bem

delineada de uma personalidade ideal que atenda a um conjunto claramente demarcado de obrigações. A imagem de um chefe ideal só pode ser extraída gradualmente das opiniões expressas sobre o seu comportamento em situações concretas, e de assertivas isoladas sobre o princípio freqüentemente emanado destas situações. As generalizações mais explícitas têm vindo, não do povo, mas dos próprios chefes e dos membros de suas famílias, cada vez mais conscientizados de seu papel de chefe. Pela minha experiência em 1928-29 e 1952, pode-se dizer, de modo abrangente, que todos os Tikopia garantiam serem os chefes guardiães de seu povo, e isto demandava do chefe certos tipos de conduta, incluindo abstenção da injúria direta a seu povo por motivos egoísticos, e limitações à sua liberdade de ação onde tal liberdade pudesse ser-lhes indiretamente prejudicial. Tradicionalmente esta posição era correlata às suas funções como sacerdotes, ou seja, como representantes e intermediários dos deuses Tikopia. O chefe Tikopia podia ser, teoricamente, um ditador. Na prática, seu poder e autoridade eram sujeitos a limitações impostas pelo próprio caráter dessa autoridade. A eficácia das limitações sobre ele dependia, em larga escala, da sua concepção da natureza do cargo.

Esta concepção de responsabilidade e de cargo recebeu expressão explícita nas afirmativas dos próprios chefes sobre seus próprios motivos, e nas críticas das ações de outros chefes, em tais termos. Deram-se também mostras concretas em atos: um chefe se colocou em situação inconveniente ou teve perda econômica pelo bem de seu povo.

Em muitos contextos era implícito que um chefe devia ser um homem maduro, capaz de tomar decisões responsáveis. O Ariki Tafua descreveu para mim, em 1952, como seu pai, quando muito doente, fez considerações a respeito de seu filho tornado adulto (*ku tangata*) e preparou-se para abandonar a vida, acreditando ser

hora do filho suceder-lhe na chefia. E creio ser significativo que embora tenha anotado apenas um caso de um chefe ter sido eleito enquanto menor de idade, não há caso algum de um chefe ter sido eleito *in absentia* — enquanto em viagem além dos seus domínios.

As qualidades requeridas de um chefe, era uma a saúde física. Se seu corpo não estava são, ele não podia servir eficientemente como representante de seu povo e um intermediário entre os deuses. Isto foi exemplificado por Ariki Kafika, Pepe, há aproximadamente nove gerações, de acordo com a tradição. Diziam-no ter sido atormentado por severa boubá tropical (framboésia), abdicando, portanto, em favor de seu irmão mais novo, Tuisifo. Comentando sobre esta estória, um dos homens de mais posição em Kafika disse: "Se há um chefe que contrai boubá, então ele é passado para trás. É passado para trás, pois tornou-se mau. Mesmo enquanto a boubá é leve, ele vai para trás, pois ela é uma coisa má. Quando a boubá fica (no corpo de) chefe, é um ato dos deuses. É ruim, portanto é posto de lado, pra outro chefe, que seja bom, poder ser escolhido". A razão preponderante para deixar este chefe de lado, de acordo com a crença em Tikopia, não era a doença em si ser contagiosa ou ritualmente destrutiva, mas a manifestação de um descontentamento dos deuses em relação ao chefe. Havia suspeita de haver ele feito algo errado. De qualquer modo, seu poder com os deuses devia ter perdido o efeito ou ele não estaria sofrendo. Ainda assim, tal princípio geral não era necessariamente observado na prática. Em 1929, o Ariki Fangarere, um homem idoso, estava afligido por uma úlcera tropical debilitante no pé, já havia alguns anos, mas ainda desempenhava suas funções como chefe, e não ouvi sugestão alguma que devia de renunciar. Ele próprio não expressou qualquer desejo de abdicar. Isto pode se dever ao fato de ter sido extremamente dinâmico em negócios econômicos e rituais a despeito de sua claudicação. Ocasionalmente, era-lhe feita uma concessão, como quando,

durante os ritos do Trabalho dos Deuses, veio de canoa pelo lago, ao invés de andar ao redor dele com seus colegas chefes. Como vi, em 1952, tal concessão também podia ser feita a um chefe em consequência da fraqueza causada pela idade avançada. A aflição do Ariki Fangarere era tratada, então, mais como fraqueza do que como falta. Mas as opiniões, em 1952, constataram ser a fraqueza do Ariki Kafika, causada por sua velhice, considerada deletéria para o bem estar e prosperidade da terra.

Aliada à pureza física, acreditava-se que um chefe de via ter certa pureza moral. O lado ético da religião dos Tikopia não era fortemente enfatizado por eles, todavia assegurava-se que a feitiçaria deveria ficar fora da província de um chefe. Em 1929, o Ariki Taumako falou-me: "Um chefe deveria continuar a viver belamente, a fazer *kava*; este só é feito para o bem estar, para o alimento ser bom". O termo traduzido como "belamente" também poderia sê-lo como "de modo apropriado", ou seja, "sem má intenção". A sanção dada a tal tipo de comportamento era uma referência à morte tradicional do grande herói cultural Tikopia, a primeira divindade da comunidade inteira, o qual tinha ido sem pecados para o reino dos deuses sem vingar-se do seu assassino. Dizia-se então que ele objetou a qualquer "discurso de amaldiçoamento" (*taranga tautuku*), i.e., quaisquer fórmulas de feitiçaria por chefes que em tantos ritos e atividades eram seguidores do modelo criado por ele. O Ariki Taumako, também me contou que seu pai lhe disse: "Nós que fazemos o *kava*, seguimos o único deus, a divindade de Kafika". De acordo com seu pai, um chefe que usasse feitiçaria perdia seu *manu*, a potência do seu *kava*; um chefe que praticasse feitiçaria teria feito mal, seu *manu* se haveria dirigido por esse meio para a feitiçaria. Seu *kava* só seria eficaz em ocasiões do ritual descritivo em si. Em outras ocasiões o chefe invocaria os deuses, mas eles não o ouviriam; não mais o desejariam. A chuva não mais cairia a uma palavra sua,

nem os mares se acalmariam. Como o suposto controle de tais fenômenos ajudava o chefe a manter a opinião favorável de seu povo, esta crença poderia dissuadi-lo de usar indevidamente o seu relacionamento com os deuses. Em 1929, Pa Fenuatara disse: "Se um chefe está zangado, ele só ralha com palavras boas, ele maldiz em nome do pai (i.e. "Que seu pai co ma sujeira")^f mas ele não usa feitiçaria. Todavia, continuou: É verdade mesmo, alguns chefes são maus." O Ariki Tafua me foi mencionado (confidencialmente) como um dos causadores das mortes de várias pessoas e da doença de outros, invocando seus deuses contra eles, e isto era condenado como má conduta por quantos me falaram do assunto. Pa Fenuatara foi ao ponto de admitir que seu pai, o Ariki Kafika, tivesse usado feitiçaria contra um homem, "Ele morreria mesmo; ele não veria a noite; não haveria demora; ele morreria no mesmo instante". Porém, disse ele: "O Ariki Kafika tem compaixão da terra; cada indivíduo permanece no seu pensamento. Se um homem está doente algures e a notícia chega ao Ariki Kafika, ele recitará a fórmula para o homem ficar bom."

A atitude dos chefes de Tikopia em relação a feitiçaria não era de simples aderência ao código ético tradicional. Onde adotada, o era, parte em deferência a um senso de responsabilidade e parte pelo medo de perder o poder de dirigir rituais. Além disso, embora lhe fosse dada fidelidade verbal, por vezes ela era ignorada, ou havia suficiente falta de fé, por parte do povo, em sua observância para que eles fizessem acusações específicas de violação. Mas o efeito de tal código de abstinência de feitiçaria era difundido entre as famílias dos chefes, e o povo também o achava indicado como parte do conceito geral do dever do chefe em relação a seu povo. '

Todavia, correlata a esta atitude de responsabilidade e obrigação concernente ao povo e sua comunidade como um todo, estava o orgulho sentido por um chefe e sua família devido a sua

posição. Em sua vida cotidiana, cada chefe estava continuamente afirmando a tese de sua supremacia e seu papel único no seu clã. Ele aceitava presentes como uma espécie de tributo devido; acreditava na prodigalidade como um direito seu; comportava-se de um modo que em outros homens seria descrito como arrogante; apressava-se em criticar as ações dos homens comuns que a seu ver ultrapassavam os limites de seus status; tinha crises de fúria quando qualquer coisa lhe parecia uma afronta. Indo além dos seus interesses pessoais imediatos, falava aprovando as ações de outros chefes com referência ao clã deles, cuidava da manutenção de seus interesses comuns e se prontificava a estar presente em ocasiões críticas e a apoiá-los com a sua autoridade. Um chefe estava apto a exemplificar seu status com expressões figurativas especiais. O Ariki Kafika me disse, em 1929: "Eu que habito aqui sou o *urua* rompedor de rede, o tubarão comedor-de-homem" — comparando-se com o peixe furioso do oceano. Em outra ocasião, deu-me nova série de metáforas. O Ariki Kafika é "a boca da terra, a confirmação de todas as coisas, aquele ao qual a terra ouve, o famoso chefe". Explicando-me uma fórmula secreta, chamou atenção para uma frase que nela ocorria: "A divindade da terra é única". Esta divindade, segundo ele, era o chefe que em seu poder permanece acima dos comuns como um deus. Se um homem comum de seu clã perturba a paz da terra, então o chefe ouvi-lo-á e fá-lo-á pagar por isto. Em termos da estrutura social, o povo era considerado pelas famílias dos chefes como de menor importância. Pa Fenuatara disse-me, em 1929: "A história ancestral do homem do povo é a do chefe; sua divindade não pesa e não vai para muitos lugares. Isto significava que o indivíduo comum do clã não tinha história nem origens tradicionais, além das do seu chefe, que superavam as suas. Os deuses a quem ele invocava tinham pouca influência ("luz"). Eles não desempenhavam façanhas relevantes que demonstrassem seu poder, nem tiveram aventuras

de tal variedade ou interesse que os autorizasse a uma posição numa hierarquia espiritual.

Esperava-se, então, que um chefe, em relação ao povo, fosse alguém superior, um pouco distante, capaz de mostrar fúria quando zangado, mas sendo complacente. No círculo familiar do Ariki Tafua, em 1929, foram-me citadas várias frases de elogios a um chefe referentes a sua generosidade para com seu povo. Dirigiam-se a ele assim: "O senhor é o chefe que alimenta filhos viajantes, um chefe de aparência compassiva, um chefe que alimenta filhos órfãos." Agora, é verdade que ouvi algumas destas frases dos lábios de pessoas do povo e foram-me dados exemplos de canções nas quais estas expressões eram usadas para agradecimentos e elogios formais. Mas é significativo que foi nos círculos familiares dos chefes onde as ouvi mais citadas.

Este estereótipo do ideal para o caráter e conduta do chefe era aceito pelo povo, embora formulado principalmente pelos chefes e seus parentes mais próximos. O sociologicamente importante sobre este código era que introduzia uma categoria moral, que tinha o efeito prático de manter a posição dos chefes. Até certo ponto, poderia ser considerada como uma conscientização da necessidade de colocar um halo em redor da autocracia e de fazer o chefe servir aos interesses públicos se quisesse exercer seus privilégios.

Um indício para a posição especial de um chefe em Tikopia o cuidado observado a propósito do casamento do herdeiro potencial, o filho mais velho de um chefe. A história das uniões maritais do Ariki Taumako de 1952, antes de tornar-se chefe, mostra isto.

Quando jovem ele primeiro desposou uma mulher da linhagem de Fetauta. A primeira esposa tinha sido escolhida por Pa Tarikitonga, o filho do irmão do pai do pai do jovem. A escolha foi feita pelos parentes agnáticos, mas nunca foi aprovada pelo

marido — ele nunca se dirigira a ela como sua amada. Nunca lhe dera bétel ou tabaco. Contudo, a mulher fora trazida pelos parentes dele, de acordo com o costume tradicional de *tu-kunga nofine*. Eles foram morar juntos, mas após algum tempo o jovem colocou objeções, dizendo que ela não era boa esposa. Assim, ela o deixou e depois casou novamente, tendo por marido um homem do distrito de Rofaea. Então, o jovem desposou Tauviitevasa, uma jovem da linhagem Akitunu, de Namu. Ele próprio a escolheu, trouxe-a, fez-se a festa de casamento, e eles foram morar juntos. Mas, então, sua esposa atual veio de Faea para ele sozinha. Ele se havia dirigido a ela como sua amada antes e, segundo diziam, ela foi casar-se com ele por vontade do pai dela, o Ariki Tafua (anteriormente Pa Rangifreri). O pai dela queria que sua filha se tornasse a esposa do homem o qual algum dia seria o chefe — queria que Taumako a acolhesse. O jovem obviamente estava feliz em recebê-la como sua esposa e a festa de casamento foi feita. Então, o ciúme da nova esposa afastou a antiga. Esta segunda mulher voltou para a casa e casou novamente, tornando-se Nau Te Aroaro. Não teve filhos com o jovem; foi para casa grávida, mas nada se sabe dos resultados provavelmente tentou um aborto, dizem.

O pai do jovem, o Ariki Taumako, ainda vivo na época tinha-se impressionado com a segunda esposa e ficou furioso quando ela foi mandada embora. Ela era uma pessoa instruída, sabia cuidar dos assuntos domésticos e, principalmente, prover alimento para os membros do clã. A terceira esposa, como dizem, não alimentava bem o povo. Em 1952, meu informante disse: "Reparou que não vamos com freqüência a Motuata?" (Motuata era a residência principal do chefe de Taumako). "O lugar de reunião deste clã outrora era Motuata, o lugar de assembléia do povo. A razão pela qual os irmãos do chefe e outras pessoas do clã não vão muito à casa de Ariki Taumako é 'por causa da mulher'. Um chefe é bom,

outro é mais ou menos (na *atamai* e *fefea*). Seus irmãos o observam e se comportam de acordo. Cada um permanece em sua própria casa."

Quando as primeiras duas esposas casaram de novo, os homens de Pa Taumako, em ambos os casos, formaram uma comitiva e foram mostrar-se contra seus casamentos. Asseguravam que uma mulher, tendo sido esposa de um chefe ou de um chefe em potencial, não deveria casar novamente, mesmo tendo sido ele a abandoná-la. Quando protestei, meu informante fez uma careta e disse: "Não sei, é o costume da terra."

A festa de casamento da jovem de Fetauta foi feita na casa de Vangatau; a da jovem de Akitunu, na casa de Te Aorere; e a da terceira esposa, que permaneceu como Nau Taumako, em Motuata, a própria casa do chefe. Em 1952, os três casamentos do chefe não eram bem vistos por alguns membros do seu clã. Meu informante disse: "Objetamos — os valores, a corda do sinete e os remos desapareceram, porque ele casou três vezes. Os valores e o alimento do clã de Taumako e nosso, a linhagem de Taumako aqui, simplesmente se foram e se foram e se foram. Tijelas e remos chegaram ao fim." (*Matou ne teke — ku leku ko te koroa, te kafa ma te fe — ku avanga fakatoru. Poi, poi, poi ko te koroa ma te kai te kainanga sa Taumako ma matou sa Taumako nei — oti ko te kumete ma te fe.*)

Além da objeção ao casamento triplo, dois pontos de importância estão implícitos nesta afirmativa. Um é que os assuntos maritais de um chefe ou mesmo de um chefe em potencial também dizem respeito ao clã. Seus membros se consideram autorizados a arranjar-lhe uma esposa e prontificam-se a protestar se a esposa o abandona, apesar de ser induzida a fazê-lo. Em segundo lugar, o grau de ligação entre clã e chefe é até certo ponto dependente da hospitalidade que sua esposa oferecer. Ela é responsável por tomar providências para os membros do

clã, que visitam o chefe, serem bem recebidos e alimentados. Por sua conduta neste sentido ela pode fazer muito para construir ou destruir a reputação do chefe e suas relações com o clã, mesmo com seus parentes agnáticos íntimos. O interesse do clã ao arrumar uma esposa para o chefe está, portanto, diretamente relacionado a qualidade de suas próprias futuras relações com ele. Os Tikopia não têm qualquer expressão equivalente à africana: "A esposa do chefe é a esposa da tribo." Porém, em verdade seu comportamento tem quase o mesmo significado.

PRINCÍPIOS DE SUCESSÃO

Como eram tais ideais reconhecidos e postos em execução quando surgiam problemas de sucessão? Aristóteles formulou três qualificações requeridas para os que tem de preencher o cargo mais alto. São: lealdade a constituição estabelecida; a maior capacidade administrativa; e virtude e justiça apropriada a forma de governo. Como todas estas qualidades não se encontram obrigatoriamente na mesma pessoa, é necessária uma seleção. Aristóteles aconselhou-nos fazer a escolha a luz do tipo de funções que o incumbido tem de exercer. Selecionando um general, por exemplo, devíamos escolher um homem habilidoso ao invés de um virtuoso sem habilidade, pois capacidade militar é supostamente rara. Mas devíamos escolher virtude em um homem procurado para intendente, pois a capacidade administrativa exigida por este cargo é comum (conforme opinião sua).

Em geral, o modo Tikopia de pensar pode ser relacionado aos conceitos de Aristóteles. Eles não parecem sentir necessidade de aptidão militar no sentido organizacional. Seus líderes, em combates como tinham, parecem ter sido lutadores individuais agressivos (*toa*) mais do que generais. A lealdade a constituição

da sociedade pode ser pressuposta, já que até recente mente todos os Tikopia parecem ter participado dos mesmos valores gerais e da satisfação com seu modo de vida, incluindo a estrutura social tradicional. À medida que a ocidentalização se aproxima de Tikopia, o interesse maior de alguns homens pelos meios modernos tem apenas começado a levantar o problema da lealdade básica como uma questão consciente. A capacidade administrativa como critério para a chefia parece ter sido desprezada pelos Tikopia — ou melhor parece ter-se presumido (como Aristóteles) que todos os homens a possuem em um grau suficiente para exercer o cargo. Além disto, um chefe pode ter bons conselheiros. A virtude foi considerada um determinante de importância, embora não necessariamente final, na seleção para o cargo.

Isto aconteceu porque os Tikopia realisticamente podem ter considerado mais simples assegurar a conduta virtuosa em um chefe exigindo-a após sua eleição, do que procurá-la de antemão. Em outros termos, com uma visão um pouco cínica da fraqueza humana, eles parecem ter confiado mais no efeito regulador do código social em um titular de cargo, do que em qualquer indução anterior de virtude *per se*. Parecem ter dado muito mais importância a uma forma regular de sucessão do que a uma procura das qualidades ideais na pessoa que seria sucessor, embora tais qualidades não fossem ignoradas. Este tipo de assertiva intelectual e abstrata não é, obviamente, o dos Tikopia é inferência minha da evidência dada por eles.

Nem em 1929, nem em 1952, ocorreu um caso real de sucessão a chefia em Tikopia. Mas foram-me dadas inúmeras informações descritivas sobre casos recentes e também pude levar em consideração a massa de material genealógico sobre as linhagens de chefes de Tikopia. Embora isto não possa ser tomado como material especificamente histórico, os tipos de sucessão indica dos assemelham-se aos de ocorrência mais recente e podem

ser tomados como exemplos da teoria Tikopia e, provavelmente, da prática.

A sucessão a chefia em Tikopia tem sido hereditária, com descendência patrilinear. Nenhuma mulher nem qualquer descendente matrilinear foi sucessor de alguém na chefia. Com exceção de um ancestral fundador, ninguém podia ser sucessor se não fosse um agnato na linhagem do chefe.

O material de sucessão a chefia Tikopia é obtido das genealogias das quatro linhagens de chefes, e comportava, em um total de 49 casos de sucessão, 13 em Kafika, 13 em Talua, 15 em Taumako e 8 em Fangarere. A sucessão tem sido dos seguintes tipos:

Filho foi sucessor em	27
Filho do filho	3
Irmão	5
Filho do irmão	7
Outros agnatos	7

49 casos

O princípio de transmissão hereditária direta do cargo está claro no material. Havia também uma ênfase na primogenitura.

Enquanto coletava material genealógico, foi-me dito, em várias ocasiões, que um homem determinado — geralmente um perdido no mar — tinha sido *te ariki fakasomo*, o "chefe crescente", *te pupura*, o "rebento" ou "a planta nova", ou *te pupura nga atua* a "planta nova dos deuses". Os termos eram usados, em cada caso, apenas com referência ao filho mais velho de um chefe, e as analogias com plantas em crescimento mostram como os Tikopia consideram o filho mais velho como o provável herdeiro do chefe. Também podia ser dado a tal filho mais velho um tratamento especial, como levar-lhe alimentos como presente, "já que ele é o próximo chefe". A primogenitura, então, era o modo normal de sucessão em Tikopia.

Em 11 dos 27 casos onde filhos eram sucessores, o escolhido era o filho mais velho em ordem de idade; em quatro outros casos um filho único foi o sucessor; e no resto o filho mais velho vivo ou o único filho vivo, tendo outros herdeiros em potencial perecido (geralmente perdidos no mar). Não consta caso algum onde um filho mais novo tenha sucedido a seu pai como chefe quando seu irmão mais velho ainda vivia. (Só há um caso, o de Kafika — já mencionado — onde um irmão mais novo sucedeu a seu irmão mais velho, estando o último ainda vivo, mas doente). O padrão de sucessão filial era comum a todos os clãs. Em Kafika e em Tafua, o filho sucedeu ao pai em oito casos entre 13, em Taumako em sete casos entre 15, em Fangarere em quatro casos entre oito. Em geral, onde um filho não foi o sucessor, o normal parece ter sido selecionar um irmão ou outro agnato tão próximo quanto possível do chefe morto. Um problema surgia, porém, quando da morte deste homem — ele devia ser sucedido por seu próprio filho ou a chefia reverteria a linha de seu predecessor? Aqui os Tikopia parecem ter adotado o princípio de reversão, mas não automaticamente. A adoção deste princípio parecia depender da disponibilidade relativa de sucessores prováveis nas diferentes linhas, e era aqui talvez que as qualidades consideradas desejáveis em um chefe surgiam como critério mais importante de seleção. Mas a sucessão no caso dos filhos do irmão era, na maioria das vezes, uma reversão a uma linha mais antiga.

Em Kafika aparentemente existem três casos nos quais a reversão ao ramo mais velho não ocorreu após a sucessão ter sido quebrada deste jeito. O primeiro foi quando o chefe Pepe, que abdicou por motivo de doença, fundou a casa de Tavi. Nenhuma tentativa parece ter sido feita para procurar chefes posteriores de Kafika nesta casa. O segundo caso ocorreu duas gerações depois. O chefe, Tanakiforau, tinha sucedido seu pai; ele era o segundo filho, mas seu irmão mais velho, Mourongo, *te*

pupura, a "semente de chefe", havia morrido no mar. Como Tanakiforau envelheceu, foi negligenciado por seus filhos. Eles costumavam sair em busca de alimento, mas não lhe traziam as pequenas guloseimas devidas a um pai idoso — frutas silvestres, caranguejos terrestres, pássaros. Egoisticamente, eles próprios os comiam na floresta. Vendo isto, um de seus parentes mais novos Vakauke, uma criança adotada na casa, costumava trazer-lhes tais coisas para seu deleite. Isto durou bastante tempo e um dia o chefe disse ao rapaz: "Quando eu me for, aquilo que está pendurado em meu pescoço deverá ser seu" — isto é, o rapaz herdaria o colar feito de palma de coqueiro, usado por um chefe nos rituais. Tanakiforau ficou doente e estava para morrer. Todos parentes se reuniram. Tereiteata, o Ariki Tafua, foi convocado. Quando ele chegou, o chefe de Kafika estava aparente morto, mas vez por outra um longo suspiro assegurava ao povo que ele estava vivo. (A propósito, disse o Ariki Tafua, que ele contava esta lenda, em 1929, o chefe estava realmente morto, e o deus em seu corpo só estava esperando o Ariki Tafua chegar antes de deixar o cadáver sem morador.) O Ariki Tafua veio e perguntou: "O que ele disse? Onde está o discurso deixado por ele?" Todos responderam: "Ele não disse nada." Então voltou-se para o agonizante, agora parado, e disse: "Falamos, deixa-nos saber a quem o colar de chefe deve ser dado". O corpo não deu qualquer sinal de vida. Ele dirigiu-se ao corpo repetidas vezes, mas não houve resposta alguma. Então começou a repetir os nomes dos filhos do morto, mas não houve qualquer indício do chefe quanto a favorecer a um deles ou não. O Ariki Tafua falou os nomes de todos os filhos e outros agnatos próximos e novamente repetiu: "Diga-nos quem deve receber o colar de chefe". Não houve resposta alguma. Por fim, virou-se e disse: "Ê esta coisa saqueadora, sentada ali?", indicando Vakauke e usando um termo denotador de desprezo. O corpo

aparentemente sem vida ergueu-se, acenou sua cabeça assentindo, e caiu de volta, sem outro movimento, agora realmente morto. Assim a sucessão foi confirmada e Vakauke tornou-se chefe. Ele foi o ancestral da presente linhagem de chefes que são, portanto, os frutos de um ramo menor da linhagem de Kafika.

Tal é a lenda tradicional, que tem certos aspectos estranhos, inclusive a especificação pouco usual de um sucessor feita por um chefe agonizante. Pode ser interpretada, em parte, como uma estória moral para influenciar os filhos e fazê-los comportar-se bem em relação aos seus pais. Mas o Ariki Tafua contou para mim dando ênfase ao aspecto político para explicar — e até certo ponto se regozijar com ela — a quebra da linha direta de Kafika. Realmente eu já havia descoberto ser impossível averiguar precisamente quais eram os ancestrais de Vakauke; a estória pode ter sido uma reconstrução originária do clã Kafika para apoiar a eleição de um estranho. Contudo, se fosse assim, esperar-se-ia uma ligação mais direta na sucessão. Na estória relatada pelo Ariki Tafua, seu próprio ancestral toma parte importante, e esta interferência de outro chefe para facilitar uma decisão quanto à sucessão está de acordo com a regra tradicional. O termo "coisa saqueadora", denotando desprezo, usado pelo chefe que dirigia a reunião, indica a imprevisão da escolha. O motivo da escolha ter sido deixada para o chefe agonizante não é explicado. É notável também que neste caso a seleção de um novo chefe foi considerada como efetivada através de um sinal dos deuses. Como um chefe Tikopia tinha tradicionalmente, como função primária, a tarefa de servir de intermediário dos deuses e, às vezes, como sua personificação, é interessante que normalmente pareça não se ter procurado nenhuma aprovação sobre natural para a seleção humana. O que esta lenda sugere é uma sucessão anômala, provavelmente porque não havia de modo claro quaisquer

candidatos disponíveis; talvez seja significativo que, embora os filhos de Tanakiforau sejam mencionados na lenda, eu fui incapaz de descobrir seus nomes, o que não é normal. Como especulação, pode-se adiantar isto como exemplo de ultimogenitura virtual: o velho chefe não tinha filhos de bom calibre, a linha mais velha como um todo não tinha indivíduos de destaque, a chefia, portanto, recaiu sobre um agnato muito novo, na realidade vivendo com o chefe e a ele servindo. Um membro do ramo mais velho — um bisneto do Mourongo mencionado acima — foi escolhido como chefe de Kafika mais tarde. Entretanto, quando ele morreu, o título reverteu a um irmão de seu predecessor e depois ao filho de seu predecessor, e não a um descendente seu.

Em Tafua, a linha direta de sucessão foi seguida rigorosamente. A divergência mais marcante foi no caso do predecessor Ariki Tafua que conheci em 1928-29. Este homem era um filho do filho do irmão do pai do pai de seu predecessores o fruto de uma terceira esposa. Quando ele morreu, foi sucedido pelo filho mais velho da primeira esposa de seu predecessor e nova mente assumiu-se a linha direta.

Houve um caso, relatado pelo Ariki Tafua em 1929, onde um antigo chefe de Tafua, Moritiaki, tentou reservar o cargo de chefe para seu filho mais novo. Com uma esposa Anuta ele teve Taupe. Embora o rapaz não fosse seu filho mais velho, o chefe desejava que ele obtivesse o *kasoa*, o colar de chefe, pois em virtude da origem estrangeira de sua mãe ele não tinha qualquer grupo de parentes para dar-lhe apoio em Tikopia. Seus meio irmãos, por outro lado, tinham posição, devido a seus laços de parentesco. Mas quando os irmãos ouviram as propostas do pai ficaram muito zangados, e todos desertaram Uta, onde o pai vivia. Vendo isto, Taupe ficou envergonhado por ser a causa de tanta discórdia e foi viver em Namu. Lá ele viveu durante longo tempo, pescando, cozinhando, comendo peixes e dormindo só. Finalmente, casou-se

lá e tornou-se pai da linhagem de Akitunu. Por fim seu pai chamou-o para Uta. Lã deu-lhe uma cestinha de machadinhas sagradas (*toki tapu*) para carregar e foram juntos para Maunga Faea. Lã o chefe enterrou as machadinhas em vários lugares, como "obstáculos" (*pipi*) para tomar posse perpétua da terra para Taupe e seus descendentes e evitar qualquer usurpação possível pelos seus irmãos ou descendentes deles. Após a morte de seu pai, o mais velho dos irmãos, Te Urumua, tornou-se chefe, mas o futuro econômico de Taupe estava assegurado.

Em Taumako e Fangarere a linha do filho mais velho foi ignorada, em alguns casos, provavelmente por não haver nenhum candidato disponível. Mas parece que, em quase todos os casos, fez-se uma tentativa de retorno à linha mais antiga tão logo quanto possível. Em Taumako, onde um irmão foi o sucessor em três casos, quando ele morreu a sucessão foi feita por um filho de seu irmão mais velho em dois casos e, no outro, a chefia reverteu a um ramo mais velho. Onde um filho do irmão foi o sucessor, quando ele morreu a sucessão voltou ao ramo mais velho novamente. Em Taumako, a primogenitura com o direito do ramo mais velho suceder tem sido o princípio dominante; salvo o único caso de recusa, a idade jovem ou a ausência parecem ter sido a única barreira.

Normalmente, um chefe Tikopia é um homem casado, na época de sua eleição. Mas esta não é uma regra invariável. Paki moana de Taumako foi eleito quando ainda era criança (ver mais adiante), e Tereiteata foi sucessor e era solteiro. Ele se perdeu no mar antes de casar-se e não deixou descendentes, mas, de acordo com uma prática Tikopia de respeito a um chefe, foi-lhe dado um título, Pu Tafua Lasi, equivalente ao de um homem casado, e um ancestral.

A exceção mais marcante a sucessão normal a chefia Tikopia foi o caso recente de Fangarere. Como descobri em 1952, quando

morreu o Ariki Fangarere, meu conhecido, *dois* chefes do clã foram eleitos. Isto era um caso óbvio de interesses faccionais surgindo da divergência religiosa. O filho mais velho do ex-chefe, um cristão não muito agradável pessoalmente, havia sido nomeado "o Chefe do Evangelho" por insistência do Ariki Tafua. O filho mais novo, um pagão pessoalmente mais adaptável ao cargo, tinha sido nomeado "o Chefe dos Chefes" pelos seus colegas pagãos. Ele era o chefe de status mais elevado.

Ao contrário da prática entre alguns povos africanos, Tikopia não tem estipulações para uma regência. O clã tem de ter um chefe o mais cedo possível, após a morte de seu ex-líder, e quem lidera o clã como chefe tem de ter plenos poderes. Na sociedade Tikopia tradicional esta ausência de regência poderia ser correlacionada à necessidade de um chefe desempenhar funções rituais de relação direta com ancestrais e consciente de que ele próprio por sua vez seria incorporado à linha ancestral como um objeto de apelo espiritual. Ninguém que não tivesse sido própria e completamente empossado como chefe poderia desempenhar esses papéis. Geralmente, entendia-se que, quando um chefe vindo de um ramo mais novo morresse, a sucessão provavelmente retornaria a um descendente de um ramo mais velho. Mas tal limitação só podia estar implícita no sistema Tikopia. Não era estruturalmente expressa como uma limitação explícita; em outros termos, não havia quaisquer poderes genuínos de regentes.

Não há caso algum de uma chefia Tikopia ter sido tomada a força, embora freqüentemente se faça referência, na tradição, a tentativa de tomar o poder como tal, pela violência, e as lendas de origem falem de disputas pelo cargo. Com certeza, em épocas quase históricas, a combinação de sanções rituais e sociais para a chefia parece ter sido tal que nenhuma legitimidade poderia ser esperada por uma tomada de poder pela força. Naturalmente essa tomada pode realmente ter acontecido, e ter sido dissimulada sob

uma estória de sucessão normal, mas isto é impossível, pois o entrosamento de elos de parentesco dos outros clãs provavelmente tê-la-ia revelado.

MECANISMO DE ELEIÇÃO

É interessante que no sistema Tikopia de sucessão, a despeito da ênfase na primogenitura, não há regra automática pela qual um herdeiro designado sucede a um chefe morto. Nenhum homem, mesmo o filho mais velho, poderia reivindicar a chefia para si adiantadamente. Ao invés disto, por um costume quase único na Polinésia, um chefe é escolhido pelo que pode ser chamado um sistema de eleição. Neste sistema, o papel ativo principal é desempenhado por líderes de clãs distintos daquele ao qual pertencia o chefe morto.

A eleição se processa tão logo quanto possível após a morte do chefe reinante, geralmente no meio do tumulto e lamentações que dão início às cerimônias funerárias. O indício for mal de imposição do cargo ao novo chefe é a demonstração pela qual é agarrado e levantado no ar nos braços de seus eleitores. Esta elevação pública o notifica de sua eleição. Também serve como sinal para o povo em geral de que a sucessão foi estabelecida. Este é o único ato cerimonial necessário para completar a eleição, a parte a operação de vestir o chefe recém-eleito com uma nova tanga feita de córtex. Não há qualquer ato de posse ritual formal pela qual ele seja apresentado aos ancestrais ou de algum outro modo consagrado a seu novo trabalho. A escolha do funeral como lugar de eleição tem a vantagem de dar maior publicidade ao fato, pois durante as exéquias de um chefe grande número de pessoas está presente, vindo de todos os clãs e de todas as partes da ilha. O ato da elevação (que também pode ser efetuado com o chefe em outras ocasiões) é descrito pelo termo *sapai* e expressa, em forma

simbólica, o alto status do chefe em relação ao povo em geral. Por este ato também os selecionadores do chefe admitem formalmente sua própria inferioridade a ele.

Deve ser especialmente notado neste processo que a escolha e elevação do chefe são feitas por pessoas a quem ele não governa. Como nenhum chefe morreu enquanto permaneci em Tikopia, não tenho dados de primeira mão, mas foram-me dadas descrições capazes de tornar claro o processo. Em 1929, o Ariki Kafika descreveu para mim como o então Ariki Taumako tinha sido escolhido. Ele disse: "O chefe que estava morando lá foi escolhido por mim; meu chefe a quem escolhi. Eu fui onde o povo estava chorando (i.e. lamentando pelo chefe recém-falecido). Eu perguntei: Onde está meu chefe? A multidão apontou-o com seus dedos". Então o Ariki Kafika chegou para o filho do morto, que estava lamentando por seu pai perto do cadáver, e agarrou-o com força a despeito de sua luta para libertar-se. Então um outro homem, também membro da família Kafika, veio por trás do Ariki para ajudá-lo. O Ariki disse: "Segure seu chefe e levante-o ao colo de um homem". Ele foi segurado com força e levantado do chão enquanto seus parentes lutavam para soltá-lo. Este, segundo o Ariki Kafika, é o costume geral no *sau ariki*, a escolha de um chefe. O partido que determinou uma escolha segue num grande grupo de parentes (*paito soa*) para a casa de lamentações, e, enquanto alguns seguram o homem que escolheram, os outros empenham-se numa briga com os membros de sua linhagem. "O grupo de parentes do homem, escolhido para ser um chefe, coloca objeção à sua escolha. Grande é a luta durante a escolha de um chefe. Quando um chefe é escolhido, é terrível. O povo sofre um impacto e os parentes do novo chefe lamentam por seu filho escolhido para governar. Embora um chefe indique o homem a ser elevado, ao fazê-lo, deve ser notado que ele não eleva o novo chefe em seus braços. Isso seria depreciador para sua própria

dignidade. A tarefa de elevar é feita, em seu lugar, por um ou mais de seus partidários .

A luta dos parentes do governante eleito para dissuadir os que elevam o novo chefe parece paradoxal. Por que os parentes de um homem deveriam colocar objeções tão energicamente? E por que eles haveriam de querer que um chefe fosse escolhido em outra parte, como os próprios Tikopia dizem querer? O Ariki KaIika deu-me duas razões para esta atitude. A primeira foi que o grupo de parentes perde alguns dos serviços de um homem quando é eleito, pois ele não irá preparar alimento tanto quanto antes, devido a seu novo status e obrigações. Não me pareceu ha ver muito peso prático nesta objeção, porque, embora um chefe Tikopia participe pouco no preparo de alimento, e nada no trabalho de fogão, ele se ocupa no cultivo do solo, na pesca e em muitas outras ocupações econômicas. Além disso, existem outras vantagens econômicas passíveis de compensar a perda imediata de seus serviços. A segunda razão, talvez mais plausível, era a de que os parentes do chefe temem ser chamados "uma família desejosa de ser chefe" (*paito fia ariki*) — ou seja, temem ser acusa dos de ambição e ganância. Contudo, essas duas razões provavelmente sejam puramente nominais. A mostra de resistência parece ser, em grande parte, um movimento tradicionalizado para "salvar as aparências". Esta interpretação emana do fato de eu não ter obtido indicações de tal resistência ter sido alguma vez levada a ponto de impedir a eleição.

Os parentes do escolhido não são os únicos a colocar objeção. O próprio homem geralmente dá mostras de evitar a eleição, lutando ou fugindo. Em 1929, disseram-me como o então Ariki Kafika fugiu, quando achou que sua eleição estava próxima, e se escondeu numa casa, no topo de uma prateleira, arrumando cuidadosamente ao seu redor algumas tigelas de madeira. Mas um ho mem o descobriu e anunciou seu paradeiro ã multidão. Com

isto, o relutante Ariki eleito desceu e correu, mas foi interceptado por braços estendidos; ele foi agarrado e levantado como chefe. Nesta evasão havia concebivelmente um pouco de timidez por ser jogado repentinamente no centro da atenção pública e pela ameaça de uma mudança radical em seu modo de vida. Mas tal conduta também é tradicionalmente ditada como uma expressão de modéstia e é adotada para evitar suspeita de um desejo de assegurar o poder. O Tikopia é peculiarmente sensível a censura de ser "uma pessoa que quer se engrandecer" (*tenea fia pasakî*); esta recusa simulada da honraria está, portanto, em acordo com o comportamento de seus parentes.

A sensibilidade a tal censura pública dá uma explicação evidente para o costume anômalo da eleição de um chefe por membros de um outro clã. Mas além de permitir aos próprios seguidores do chefe preservar uma reputação de modéstia e relutância, o costume tem certas outras funções, talvez igualmente importantes, embora não sejam enfatizadas pelos Tikopia. Uma referência as condições constantes de sucessão irá revelar tais funções. Pelo já dito, está claro que não existe qualquer direito de sucessão ao cargo de chefe. Entretanto, certas probabilidades são informalmente reconhecidas na vida cotidiana. Onde um filho mais velho do chefe é adulto, casado e mostrou-se uma pessoa amadurecida e habilidosa, então normalmente supoe-se que se rã eleito após a morte de seu pai. Em 1929, parecia quase certo que Pa Fenuatara seria o sucessor do Ariki Kafika, e Pa Rangifuri do Ariki Tafua. Durante minha permanência lá, quando o Ariki Tafua estava muito enfermo, perguntei ao líder da Missão quem seria chefe se o velho morresse. Ele respondeu: "Não sabemos, mas achamos que será Pa Rangifuri." Esta predição realmente se confirmou. Em 1952, soube que Pa Rangifuri tinha mesmo sido sucessor de seu pai, e por sua vez tinha morrido e sido sucedido pelo seu único filho sobrevivente. Igualmente, em 1952, estava

perfeitamente claro que todos os Tikopia esperavam e desejavam Pa Fenuatara como sucessor de seu pai, o Ariki Kafika. Quando não existe tal herdeiro óbvio ou quando o filho mais velho do chefe ainda é criança, o sistema de eleição pelo grupo externo torna-se mais que formal. Então parece estar — literalmente — em mãos desse grupo a decisão quanto a quem deve ser escolhido, entre várias possíveis pessoas. Neste caso a decisão deles afasta dos membros do clã a necessidade de fazer o que pode ser uma escolha conturbada pela inveja. Alternativamente, afasta a *possibilidade* de desunião interna no clã antes de chegar a uma decisão. Desacordo e falta de harmonia, se existem, são transferidos para fora do clã, onde provavelmente há menos tendência para ressentimento permanente e mais possibilidade para acalmar orgulhos feridos.

O interesse do próprio clã pode ser expresso, por um lado, quando os desejos de um chefe quanto à sucessão podem ser exprimidos durante a sua vida. O Ariki Tafua Pukenga, chefe anterior ao Ariki que conheci em 1929, tinha sido selecionado principalmente como um substituto, pois o filho do chefe anterior, Fokimainiteni, ainda era novo. Antes da morte de Pukenga houve rumores de que seu filho, Pa Fenutapu, seria escolhido para sucedê-lo, mas o velho fez objeção a isto. Ele instava que a seu filho deveria ser "dado um espaço para respirar", isto é, que se deveria permitir que continuasse como um homem comum para ele poder servir como encarregado executivo (*maru*) do descendente em linha direta. Mais tarde ele poderia ser eleito, se as circunstâncias assim o indicassem. O filho de Fokimainiteni realmente foi eleito e Pa Fenutapu e seus descendentes "foram superados". Por volta de 1929 eles estavam praticamente fora da classe dos chefes e em 1952 eles estavam completamente fora da linha de sucessão embora ainda fossem pessoas importantes.

Não é possível decidir em todos os casos qual grau de certeza realmente presente na escolha eletiva aparentemente livre. O fato de que a eleição não ocorre arbitrariamente é mostrado no caso do Ariki Kafika que se escondeu, obviamente com a idéia de que seria convocado. Além disso, a história completa da sucessão em Tikopia está impregnada do pressuposto de que um filho mais velho e maduro de um chefe é o mais passível de ser escolhido. Mas isso não parece ser automático. Quando o Ariki Taumako, a quem conheci em 1929, foi eleito, o Ariki Tafua não estava presente. Ele entrou em cena depois e, conforme dizem, ficou muito zangado porque o problema já tinha sido decidido. Afirmam que ele desejava a eleição de Pae Avakofe, irmão mais novo do chefe morto. Consta que emitiu uma série de gritos para expressar sua exasperação por ter sido antecipado. Mas era tarde demais. O costume Tikopia prevê que, após a elevação formal, a sucessão está irrevogavelmente decidida. Para assegurar qual quer ponto de vista ou interferência pessoal é essencial chegar logo após a morte do ex-governante. Ainda assim, no complexo funcionamento da política Tikopia, o ato do Ariki Tafua talvez não fosse um protesto genuíno. Pae Avakofe era o homem mais respeitado e influente em Tikopia. Muito antes, Pa Veterei, o filho mais velho de Pae Avakofe, tinha-se sobressaído por sua força física e grande influência na área. Alegava-se que ele havia permitido a insinuação de que deveria ser escolhido como o próximo Ariki Taumako. Em verdade havia um engano, segundo me afirmaram. Um dia, a família de chefes de Kafika, numa reunião privada em sua casa Mapusanga, concordou em escolher o filho do velho chefe — o homem realmente escolhido mais tarde pelo Ariki Kafika. Mas para acalmar Pa Veterei — o qual de outro modo poderia ter se sentido magoado — os membros de Kafika também concordaram em fazer menção de segurá-lo, embora sem a intenção de levantá-lo. Isto era "para melhorar seu humor" (*fakamatamata laui*). À

moda típica de Tikopia, as notícias dessa decisão chegaram até o velho Ariki Taumako por uma de suas filhas, numa versão adulterada: que o povo Kafika estava planejando fazer de Pa Veterei o chefe. O velho ficou zangado. Ele disse: "Vão deixar meu filho ficar inativo, enquanto escolhem alguém de trás?" — querendo dizer que iam ignorar o filho em favor do ramo mais novo. Depois disso, dizem que apelou para seus deuses, fazendo Pa Veterei ser envenenado no mar, por comer *sumu*, uma espécie de peixe, de modo que morresse. Essa era uma explicação *post hoc* da morte deste homem; foi-me dada em 1929 por Pae Sao, um proeminente líder ritual. Esse incidente mostra como os Tikopia reconhecem a possibilidade de um poderoso homem de posição aspirar a chefia, embora não sendo o herdeiro mais direto. Pa Veterei provavelmente não tinha ambição política. Mas, planejando ou não chegar a chefia, a opinião popular lhe atribuía algum interesse pessoal na sucessão. Na época da morte do Ariki Taumako poder-se-ia imaginar que I'ae Avakofe tivesse pensado na sucessão. A necessidade de aliviar orgulhos feridos é bem reconhecida pelos Tikopia. Frequentemente, se faz alguma concessão com um fingimento. O ato de segurar uma pessoa como se fosse para levá-la implica que, embora tenha acabado de perder na seleção, ela é de tão grande importância que suas reivindicações são seriamente consideradas. Assim, ainda que possa ficar desapontada, ela não se sentirá afrontada. Ora, é possível que o ato do Ariki Tafua, ao emitir gritos quando descobriu que tinha sido antecipado e que Pae Avakofe não tinha sido eleito, possa ser desse tipo de fingimento. O *fait accompli* poderia ter-lhe agradado, mas seu protesto era um cumprimento formal a Pae Avakofe, talvez ainda chorando a morte de seu filho e ainda reconhecido como o homem mais poderoso em Tikopia depois dos chefes.

A competição real pela chefia é quase desconhecida. Parece ser possível a um homem indicar, em particular, que gostaria de

ser considerado. Mas um fator poderoso que opera contra qualquer passo ativo do candidato é o medo de incorrer na reprovação pública e de assim prejudicar as chances de sua eleição. Anotei apenas um exemplo de tal competição. Foi para a chefia de Taumako há cinco gerações. Em 1929, o Ariki Tafua contou-me como Pu Veterei, o chefe do clã há um século atrás, perdeu-se no mar. Seu filho Pakimoana ainda era uma criança, tão nova que ainda não tinha vestido uma tanga — o que aconteceria mais ou menos antes dos 10 anos de idade. Pu Nukuraro, um homem forte do clã Kafika, quando soube da morte, pegou a criança e colocou em volta de sua cintura o *riri*, a tanga cerimonial de córtex, usa da por um chefe em ocasiões rituais e com que é investido em sua eleição. Então, gritou para o povo reunido: "Eis vosso chefe". Mas Pu Kavasa, um homem da casa de chefes de Taumako, embora não em linha direta, já tinha posto uma nova tanga em si mesmo como sinal que se tinha nomeado chefe. Quando ouviu a proclamação, replicou conciliatoriamente: "Eu vou me sentar assim na habitação de chefes e saborear os frutos do poder antes do outro; quando eu morrer, o seu descendente será erguido para o lugar de chefe." Em outras palavras, estava muito otimisticamente oferecendo-se como um substituto, pleiteando uma concessão, um tipo de regência imaginária. Mas ele foi posto de lado rudemente por Pu Nukuraro e a criança foi aceita como chefe.

Como a competição pela chefia é quase desconhecida, a recusa efetiva da honraria também o é. Só tenho um caso anotado. Quando morreu Fakatonuara, o Ariki Taumako há cinco gerações, seu filho Vakasaua não queria ser o sucessor e recomendou que o colar ritual, símbolo da chefia, fosse oferecido ao irmão do seu pai. Ele disse: "Dê para ser colocado nele". Foi-me sugerido que aqueles tempos eram problemáticos e que ele provavelmente não se sentia suficientemente forte para assumir

as dificuldades do cargo. Portanto, é claro que, quanto à sucessão pessoal, um homem pode recusar a eleição, mas não assegurá-la.

Os descendentes de Vakasaua, embora pertencentes a linha primogênita de chefes de Taumako, a partir daí começaram a ser tidos como de posição inferior. Eles formavam a linhagem de Maneve ou Resiaki. Este ramo superado não reteve qualquer primazia ritual. Eles cultuavam seus próprios ancestrais, mas o chefe desempenhava os principais ritos da linhagem e do clã.

Quais as razões que influenciam as pessoas que fazem a seleção? Geralmente parece ser a satisfação com o desempenho do poder e com a tomada de decisões. Nas diferentes gerações, homens fortes parecem ter tomado parte em mais de uma eleição. Por exemplo, Pu Nukuraro, que selecionou o chefe Taumako, também foi responsável, dizem, pela eleição de Tereiteata, um chefe de Tafua. Ligado a isso, está a satisfação de ter o crédito público pela responsabilidade de fazer um chefe. As palavras sóbrias de Ariki Kafika mencionadas acima mostram isto. Mas também podem haver outros fatores de interesse pessoal. Não há qualquer ligação especificamente reconhecida de caráter formal entre o novo chefe e o povo que o elegeu. Ele não lhes agradece de modo algum, nem reconhece o serviço prestado por eles, dando-lhes presentes, nem parece haver qualquer sentimento de amizade entre eles. Mas em casos particulares é possível assegurar alguns benefícios, tirando vantagem da estrutura de parentesco. Em 1929, o Ariki Taíua fez-me a significativa afirmação de que as pessoas desejam ter um sobrinho materno como chefe. "Eles se esforçam no sentido de o *tama tapu* (filho da irmã) poder ser erguido; eles o empurram para cima porque assim sua casa ganha poder." Ele não especificou exatamente em qual aspecto, mas partindo do padrão geral de relacionamento é claro que as possibilidades de aumento

do prestígio, de influenciar as decisões do chefe e mesmo de ter alguma vantagem econômica, podem estar implícitas. Por outro lado, por tradição, havia um lucro na esfera religiosa, pois o nome do chefe, após sua morte, poderia ser invocado no *kava* do povo de sua mãe. Isto não era uma vantagem ilusória para os Tikopia.

Mas essa escolha de um chefe baseada na vantagem pessoal dos selecionadores deve ser subordinada a outros fatores. Ao selecionar o Ariki Taumako de 1929, por exemplo, o Ariki Kafika não escolheu um sobrinho materno seu, mas de Tafua, e o Ariki Tafua, ao desejar eleger Pae Avakofe, estava promovendo um sobrinho da linhagem Rarovi, de Kafika. Baseado na vantagem pessoal, pareceria ser mais do interesse do Ariki Kafika promover Pae Avakofe, casado com uma mulher de sua própria linhagem, pois assim obteria, como chefe, um cunhado tanto quanto um homem que era um *tama tapu* da linhagem do seu clã. Além disso, a linhagem Kafika estaria constituída dos "irmãos da mãe" do filho de Pae Avakofe se ele, por sua vez, fosse sucessor. A escolha de Pa Veterei pela casa Kafika teria preenchido esta condição, mas, como mencionado anteriormente, ele foi rejeitado por ela.

Os outros fatores de maior peso são as qualificações pessoais do candidato e particularmente seu status específico em termos de antigüidade na linhagem. Como discutido antes, nenhum membro de uma linhagem de comuns, ainda que sua posição se já alta, pode se tornar chefe. Além disso, o princípio Tikopia é que, se um membro colateral da casa de chefes traça sua descendência a partir de um ancestral que nunca fora ele próprio um chefe, então sua elegibilidade cai bastante. Ele é "lançado para o lado", como dizem os Tikopia. O princípio de legitimidade é claramente o de primogenitura ou do substituto mais próximo.

Se o problema de sucessão é tão bem definido por princípio, então porque não é assumido como automático ao invés de tomar a forma nominal de seleção dentre um grupo de candidatos? Considerando o caráter formal e o alto grau de integração da estrutura religiosa da comunidade Tikopia, seria plausível pensar que após a morte de um chefe um outro o sucederia automaticamente pela regra religiosa. A aparente liberdade do sistema de seleção requer para sua interpretação mais alguma consideração das relações entre o chefe e o povo do clã que ele representa, e da comunidade Tikopia como um todo.

O sistema de controle social Tikopia é expresso, por um lado, em termos da sanção individual do chefe, e não há qualquer autoridade central de coordenação para resolver os possíveis conflitos entre o chefe e seus seguidores, ou mesmo entre os próprios chefes. Na prática, entretanto, as ações de um chefe são de fato restritas pelas de outras pessoas de posição, tanto dentro como fora de seu clã; elas expressam por seu comportamento um corpo de opinião geral. Este controle prático das idiosincrasias de um chefe parece estar refletido nos meios pelos quais seu poder lhe é conferido. Ele não sucede alguém automaticamente por direito divino. Se o fizesse, poderia ser mais difícil verificar qualquer imposição de suas atitudes individuais. Mas ele é eleito, e nem mesmo pelo seu próprio clã. Ele recebe o mandato de uma chefia, não pode reivindicá-la. Então, há oportunidade de controle do chefe pelo povo mesmo fora do seu clã. Não quero dizer que os Tikopia vêem a situação por este ângulo sociológico muito conscientemente e de um modo sofisticado. Mas afirmativas bruscas, como a feita pelo Ariki Tafua em 1929, de que "um chefe é feito pelo povo da terra" expressam a essência deste ponto de vista. Em 1952, Pa Maneve me disse: "uma expressão antiga de opinião, feita pelos deuses, é de que o chefe foi eleito pelo grupo de pessoas da terra para cuidar do grupo de pessoas da terra. Se

um homem está faminto o chefe o alimenta. Se um homem é mau o chefe falará com ele. Qualquer coisa que possa estar errada com a terra, o chefe falará disto de modo a poder torná-la boa."

No sistema Tikopia a eleição do chefe é feita por proclamação e aclamação pública, não por qualquer processo de escolha por voto. O sistema permite uma certa quantidade de política de poder para a operação de interesses faccionais. Estes afirmam-se não tanto talvez na luta para levantar candidatos competidores a chefia, quanto no impulso competitivo de chegar a cena primeiro e ter o crédito de elevar o candidato óbvio. A incidência ocasional de casos contestáveis quando a sucessão não está clara serve para reforçar o principio geral de que a eleição de um chefe depende da vontade do povo e não de um direito automático.

Por algumas observações, tiro conclusões sobre os efeitos da seleção sobre o homem mais envolvido. A eleição de um homem como chefe significa uma transformação abrupta em sua condição social. Até então ele tinha sido um "homem comum". Repentinamente, como *ariki*, ele é investido com um novo conjunto de privilégios e se torna responsável por uma série complexa de deveres rituais. Não me é possível descrever em detalhe como tal homem se comporta nesta ascensão rápida ao poder, pois não vi qualquer eleição, mas pode-se presumir que o embaraço sentido por ele é suavizado até certo ponto por um mecanismo útil. Este mecanismo é a prática convencional dos outros chefes de dar-lhe instruções, em particular, sobre assuntos rituais e algumas vezes até conselhos pessoais. Essa instrução quanto aos novos deveres não é automática e nunca é extensa. Mas após sua eleição outros chefes reinantes consideram como parte de sua responsabilidade providenciar para que o recém-chegado à posição deles seja versado no cerimonial de seu clã. De acordo com a tradição, eles se reúnem e lhe fazem perguntas

sobre seu *kava* — não como um exame para colocá-lo à prova, mas para dar-lhe assistência se o seu conhecimento deixa a desejar. Isso é conhecido como *te fuatanga o paito ariki* (o canto fúnebre das linhagens de chefes), segundo o Ariki Kafika, em 1929. Outros mecanismos ajudam a separar o novo chefe dos seus antigos associados. A mudança em seu status é simbolizada linguisticamente. Logo ele assume um novo título, o de líder de seu clã; tira seu antigo nome de família e adota o do clã como um todo. Assim quem era Pa Teve tornou-se Pa Kafika. Quem era Pa Rangifuri tornou-se Pa Tafua. Quem era Pa Raniniu tornou-se Pa Taumako. Esse novo nome pode ajudar bastante na criação de uma nova personalidade social. Nele também está implícita a idéia de que o chefe é o cabeça ou pai de seu clã já que leva o nome coletivo como parte de seu título. Também ocorrem algumas mudanças no parentesco. O chefe tende a ser chamado "pai" mais extensamente do que foi até então, e frequentemente o termo de parentesco é qualificado como "pai chefe". Por exemplo, em 1929 eu ouvi o filho mais velho do Ariki Taumako, falando do Ariki Kafika, dizer: "O pai chefe está certo" (*e tonu e pa ariki*). Tal expressão se conforma com os usos comuns de parentesco e ainda preserva algo da dignidade especial do chefe. A série de tabus pessoais envolvendo uma segregação corporal entre o chefe e os homens comuns e um comportamento de respeito por parte destes em relação a ele devem servir também para ajudar o chefe a adaptar-se a sua nova posição.

Além disto, a transição não pode ser sempre imprevista. Admite-se que nenhum homem tem certeza absoluta de ser o sucessor à chefia, mas o filho mais velho de um chefe pode ter razoável certeza, se for maduro. Quando tal homem obviamente está na linha de sucessão, então seu pai e outros homens geralmente o instruem quanto a detalhes do comportamento de chefe e especialmente quanto ao conhecimento dos deuses: ritual,

fórmulas e mitologia. Além disso, ele terá sido treinado no exercício da responsabilidade e conscientizado de que um chefe tem obrigações tanto quanto privilégios.

Depois de 1956 todos os chefes de Tikopia tornaram-se cristãos. Agora, então, eles não são mais aptos ou necessários para desempenhar os trabalhos da religião tradicional e tomar a responsabilidade ativa no bem estar da terra. Mas o chefe Tikopia ainda parece ser um símbolo cultural para seu povo e ter uma responsabilidade primária de manter a ordem social. Os princípios de sucessão a este cargo, portanto, presumivelmente continuarão a ter significância durante muito tempo.

Um problema um pouco delicado pode surgir se o Governo do Protetorado Britânico das Ilhas Salomão fizer dos chefes instrumentos de administração. Em tal caso os requisitos administrativos de eficiência poderiam sugerir a conveniência da sucessão de um homem como chefe que não seria necessariamente escolhido pelo processo tradicional de eleição. É difícil prever o resultado de tal situação. Mas se o interesse do governo na sucessão for grande, poderia ser prudente fazer, antes, uma pesquisa discreta e privada de opinião local, principalmente entre os outros chefes. Em geral, o respeito à opinião pública mostrado pelos chefes poderia inibi-los de agir como inovadores efetivos da política em favor do governo, se qualquer procedimento de "governo indireto" (*indirect rule*) for adotado. Por outro lado, a deferência do povo à autoridade do chefe poderia dar a um conselho de chefes um poder maior do que o atual.

A lista completa dos títulos publicados pela Série Tradução pode ser solicitada pelos interessados à Secretaria do:

Departamento de Antropologia

Instituto de Ciências Sociais

Universidade de Brasília

70910-900 – Brasília, DF

Fone: (61) 3107-7299

Fone/Fax: (61) 3107-7300

E-mail: dan@unb.br

A Série Tradução encontra-se disponibilizada em arquivo pdf no link: www.unb.br/ics/dan